

Do espaço à espacialidade: a dimensão temporal na arquitetura contemporânea

From to space for spatiality: the temporal dimension in the contemporary architecture

Sandra Catharinne Pantaleão Resende

Universidade Estadual de Goiás; Universidade de Brasília
sandrinhapanta@gmail.com

ABSTRACT

Flows systems and network have been interfered the cities' organization in the last thirty years, affecting its infrastructure, size and people's concentration. Furthermore, ideas about chaos and fragment are contributing to urban dispersion. Among urban theorists, Rem Koolhaas establishes a set of metaphors when talks about the contemporary city and its architecture. This is analysed by its scale, considering the bigness instead the form-function for to characterizing the generic city. Its architecture is immersed on the congestion culture: he considers the urban dispersion and concentration adding informational technologies as condition metropolitan and sociocultural to produce architecture.

KEYWORDS: Rem Koolhaas; cidade genérica; redes e fluxos informacionais; arquitetura contemporânea; junkspace

513

1. Introdução

A cidade contemporânea, em função da contextualização socioeconômica verificada a partir da década de 1970, torna-se cada vez mais fragmentada, dispersa, pulverizada e difusa. Desse modo, sua compreensão exige observar as mudanças sócio-tecnológicas e os desdobramentos quanto à ocupação territorial, na qual a arquitetura tem construído imagens distintas de épocas precedentes, em que se observa um jogo de fluxos informacionais e atividades altamente especializadas. São inúmeras as nomenclaturas que visam designar tais mudanças.

A revolução informacional e os arranjos econômicos do capitalismo tardio vislumbram novos conceitos e abordagens referentes à ocupação urbana e territorial, especialmente voltadas para as cidades que concentram os fenômenos acima citados. Sob esse aspecto, são denominadas por metrópoles, megalópoles, cidades mundiais ou cidades globais e, ainda, cidade genérica.

O termo cidade genérica (*generic city*) foi definido por Rem Koolhaas, ao elaborar uma espécie de catálogo da produção do seu escritório *Office Metropolitan*

Architecture (OMA), selecionando os projetos a partir da escala de inserção no território. Antes de *S, M, L, XL* (1995), Koolhaas havia escrito, em 1978, o seu mais celebre livro: *Delirious New York*, onde já prenunciava a transformação das cidades, dotadas pela artificialidade norte-americana e seu poder de destruição criativa. Em ambos textos, considera as interferências da revolução tecnológica juntamente com a explosão das cidades, seja pelo seu tamanho ou pela capacidade de concentrar pessoas. Muito mais do que pensar na dispersão e a concentração espacial, Koolhaas apresenta sua leitura crítica de como a arquitetura se insere no contexto atual, apontando novos conceitos e terminologias para se pensar a cidade, como *junkspace*.

Tendo em vista as mudanças ocorridas nos últimos trinta anos, o presente artigo apresenta algumas reflexões acerca da cidade contemporânea, sob o viés das transformações socioeconômicas e tecnológicas, bem como as discussões e leituras específicas do campo disciplinar da arquitetura e urbanismo, sob a figura de Rem Koolhaas, buscando evidenciar os conceitos e características que denotam o termo cidade contemporânea.

2. Sociedade em rede, fluxos informacionais e cidades globais: o rearranjo geográfico em escala planetária

Ao expandir-se e abrigar altos contingentes populacionais, as áreas urbanizadas vão perdendo sua fisionomia precedente em favor de fenômenos característicos das aglomerações de centenas de milhares de habitantes. A dispersão e a concentração modificam a estrutura dessas áreas aferindo-lhes outro patamar: a metrópole. Analogamente, do mapeamento figurativo da cidade, a representação perpassa feições geométricas e novas configurações urbanas ocorrem. A leitura da forma da cidade vai tornando-se difícil, à medida que seu tamanho e aparência resultam de um aglomerado sem feições nítidas e identidade própria: são imagens cada vez mais abstratas.

Sassen (1998, p.104) aponta questões específicas como condições da atual fase que vivenciamos: a ascensão das tecnologias de informação associadas ao crescimento da fluidez e da mobilidade do capital. Fluxos de uma economia transfronteiriça de capital, trabalho, bens, matérias-primas e turistas que abarca todos os pontos do planeta, cuja articulação ocorre também pela conveniência dos estados nacionais. Tais mudanças são apontadas, pela autora, a partir dos anos 1980 e mais aceleradas nos anos 1990, como resultado do número crescente de países que optaram pela privatização, desregulamentação e abertura de suas economias frente ao mercado global.

As empresas estrangeiras passaram a participar gradativamente das economias nacionais contribuindo para um novo sistema de articulação do território. Novas unidades espaciais e novas escalas devem ser consideradas na articulação entre cidades e regiões, emergindo o que a autora denomina por *cidades globais*. Para a autora existem inúmeras formas de se nomear as transformações das cidades, sendo que o termo empregado se refere a uma estrutura específica: as relações intrínsecas dos fluxos de informação que percorrem a escala global, que, por sua vez, constituem estruturas espaciais distintas de outros períodos históricos.

O modelo de cidade global se refere a uma dispersão geográfica das atividades econômicas e, ao mesmo tempo, a integração das atividades das empresas, conformando centralidades conectadas na escala global, que se caracterizam por funções altamente especializadas. Uma vez conectadas, as aglomerações econômicas geram atratividade e dinamicidade, tornando-se um ambiente urbano em função da sua capacidade transmitir fluxos de informações, em altíssima velocidade. Além disso, outra característica das cidades globais está na sua capacidade de atrair as sedes das empresas multinacionais para o seu

território, muito em função da própria infraestrutura que possui, segundo os requisitos já mencionados, conformando sistemas urbanos transnacionais.

Há, portanto, uma especialização e fragmentação territorial como premissa básica para a formação das cidades globais, em que “[...] atividades, grupos sociais e territórios dominantes em todo o globo estão conectados, meados dos anos 90, em um novo sistema tecnológico que, como tal, começou a tomar forma na década de 70.” (CASTELLS, 1999, p. 52). Endossando as questões apresentadas por Sassen (1998), Castells (1999) afirma que há um emaranhado de fenômenos que implicam na inovação tecnológica, cujas dimensões são culturais, institucionais, econômicas e tecnológicas, formando novos paradigmas sociotécnico. Um sistema tecnológico no qual a sociedade está imersa desde os anos 1990, principalmente com a disseminação do uso dos computadores pessoais, tornando o acesso as informações com custo menor e maior qualidade.

Como consequência da introdução das tecnologias de informação nas indústrias adiantadas, as regiões centrais que concentravam os negócios nas grandes metrópoles e nos centros empresariais do mundo tiveram uma explosão quantitativa de empresas estabelecidas, nos anos 1980, gerando uma alta concentração da informação. Desse modo, como coloca Sassen (1998), as cidades representam papel de destaque quanto à dimensão espacial que a globalização econômica imputa, tendo em vista que o lugar e a localização da informação e a propagação dos fluxos constituem formas específicas de articulação entre diferentes áreas geográficas.

3. A cidade genérica: imagens embassadas ou não-figurativas

A cidade contemporânea alastra-se sobre as áreas rurais e/ou naturais, dispersando-se e conglomerando distintas organizações espaciais, principalmente, pela apropriação das áreas periféricas, dissolvendo as bordas existentes num horizonte cuja escala se propaga para além da territorial.

E, nesse contexto, muito mais que a escala, a arquitetura adquire a propriedade de grandeza, que para Koolhaas (1995) se refere ao tamanho dos edifícios e sua ocupação intensa nas cidades, fenômeno que ocorre em todo o globo, levando ao que ele define como cultura da congestão. Ao relatar o aspecto da grandeza (*Bigness or the problem of Large, 1995*), Koolhaas refere-se à complexidade presente na arquitetura, uma vez que inúmeras descobertas propiciaram a introdução de novas arquiteturas, especialmente quanto às infraestruturas. Isso levou a uma arquitetura cada vez mais imponente e verticalizada.

A artificialidade e a verticalização das cidades já haviam

sido abordadas por Koolhaas em *Delirious New York* (1978) quando ele demonstra o fascínio pelos arranha-céus. A partir dessa proposição sobre as mudanças substanciais das cidades, seu olhar se desloca do centro para as periferias, onde a constituição da metrópole ocorre de forma muito mais aleatória e livre da rigidez do planejamento urbano. *Delirious New York* (1978) pode ser considerado o pontapé inicial de suas especulações conceituais acerca das transformações da cidade, buscando elucidar a própria realidade em que vivemos. Uma realidade de caos e desordem que vivem em constante mudanças, fruto da própria dinâmica socioeconômica que se insere no espaço urbano.

No livro *S, M, L, XL* (1995), Koolhaas apresenta suas propostas arquitetônicas distribuídas e inseridas no mundo globalizado e informacional. Os projetos são apresentados conforme a sua escala com fragmentos de textos que abordam as diferentes soluções de projeto, para diferentes escalas, em diferentes partes do mundo. É a produção do OMA que se coloca como uma constante atividade de criação e destruição, assim como já fora abordado no Manifesto sobre Nova Iorque: a cidade em constante transformação. Para ele, a arquitetura é uma pequena parte de uma paisagem dinâmica na qual está inserida. Na introdução ou *Foreplays*, Rem Koolhaas revisa seus textos de 1972 e 1978, em que denomina *Babe*. Em seguida, as obras do OMA são organizadas conforme as quatro escalas: pequena, média, grande e extra grande, em que se destacam alguns textos.

Um deles é *Bigness, or the problem of Large* (1995), no qual são apresentados os desafios da Grandeza em arquitetura, destacando-se o tamanho do próprio edifício, seja vertical ou horizontalmente falando, tornando-se, em alguns casos, uma minicidade. São edifícios que se corporificam a partir de um programa ideológico, independente da vontade do arquiteto. É essa dimensão que, para Rem Koolhaas, há a necessidade de um manifesto, justificando o próprio texto. Podemos dizer que este é uma prévia do seu texto subsequente *The generic city* (1995), que retrata a escala extra grande, culminando numa cidade sem identidade, com imagens imperceptíveis e recheadas de *junkspace*.

Rem Koolhaas define a arquitetura da cidade genérica como *junkspace*. Uma arquitetura que 'engole' a própria cidade, sua artificialidade ao extremo. Essas questões são lançadas pelas pesquisas realizadas na Harvard Design School Project on the City¹ (2001), em que os conceitos da cultura da congestão e da cidade genérica são, de certa forma, discutidos a partir de dados da realidade, especialmente nos estudos das cidades asiáticas, e das dinâmicas econômicas dos países em desenvolvimento.

A partir da Grandeza, a cidade torna-se cidade fragmentada, desordenada cuja concentração e integração é vista como uma tentativa de organização

sistemática. No entanto, essa articulação, descortina a ideia da "[...] velha doutrina da forma-segue-a-função [...] para o anticlímax do diagrama, duplamente frustrante, uma vez que sua estética sugere uma rica orquestração do caos. Nessa paisagem de desmembramento e falsa desordem, cada atividade é posta no seu lugar."² (Koolhaas, 1995, p. 506). Ocorre uma hibridização programática, em que as partes são articuladas de forma independente, como consequência de uma constatação e revisão teórica dos alicerces da arquitetura moderna, prestes a se esvaír em prol das experimentações que a realidade virtual simulada introduziu em meados dos anos 1980.

Ao mesmo tempo, Koolhaas enfatiza a obsessão dos arquitetos pela mega-escala, mas que no entanto, não consideraram os eventos sociais e econômicos que poderiam permitir uma reflexão teórica de como a Grandeza é um problema inexorável da arquitetura contemporânea. Na cidade, configurada pela Grandeza, a arquitetura deixa de desempenhar seu papel, tornando-se um mero objeto em meio às transformações sócio-tecnológicas das últimas décadas. Para Koolhaas, ocorre o anonimato da profissão, a perda da sua dimensão heroica. O arquiteto passa a depender de outras forças para a convalidação de sua arquitetura: a conectividade com outros campos de conhecimento e a rendição às tecnologias, que para ele é uma postura de neutralidade.

Esse panorama gera um novo tipo de cidade, cabendo a rua o papel de resíduo, um dispositivo organizativo, imerso no plano metropolitano. Local em se coexistem passado e presente e onde a Grandeza está presente em todas as partes. Essa disseminação e seu caráter de complexidade fazem com que a Grandeza se sobreponha à cidade, garantindo "[...] a generosidade do urbanismo contra a mediocridade da arquitetura". Isso porque deixa de estabelecer uma relação com o contexto, permite explorar a dimensão global da tábula rasa e se coloca como o "último bastião da arquitetura". E, assim, se constitui o que Koolhaas denomina como *generic city* (1995).

Cidade genérica destituída de identidade e memória, calcada na congestão e densidade são algumas das características apresentadas por Rem Koolhaas ao narrar a cultura metropolitana. Cidades que se aproximam pela semelhança entre si, onde o passado é demasiado pequeno frente ao crescimento humano exponencial; onde a arquitetura como depósito da história perde sua referência; onde a massa de turista se multiplica cada vez mais; onde a identidade não existe mais.

A cidade contemporânea, portanto, ao imprimir no território as dinâmicas da sociedade informacional, promove uma mudança substancial em sua dimensão e, ao mesmo tempo, na constituição de uma configuração sem identidade própria. Os fenômenos de dispersão

e concentração evidenciam a mudança de escala em que passa-se a considerar a dimensão territorial e não apenas a urbana. As imagens deixam de ser precisas e passam a incorporar a dinâmica e a fugacidade própria desta nova forma de se apropriar do território.

4. Considerações Finais

A leitura de Koolhaas em *The Generic City*, deixa bem claro que as mudanças das últimas décadas consubstanciam a configuração da paisagem territorial, em que se releva o consumismo como aporte principal na constituição do espaço urbano da cidade contemporânea. É o *junkspace* ou espaço-lixo que retrata homogeneidade de um espaço do acontecimento: flexibilidade extrema da parte interna, com ar condicionado e elevador e a fachada lisa, do exterior. É o coágulo do processo de modernização em curso constante. Isto é, o resíduo desta mesma modernidade.

A infraestrutura ininterrupta contribui para a expansão desse espaço-lixo, capaz de se adequar e adaptar-se a inúmeros programas arquitetônicos. Um edifício que se aproxima da cidade, reproduzindo suas elementos, mas, agora, dotados de artificialidade. Edifícios híbridos, com sobreposição e justaposição de atividades, em que a forma e a função estão totalmente dissociadas. É impossível revelar-se pela fachada. Um espaço condicional que se torna espaço-lixo. Não obstante, deve-se pensar o espaço e não a arquitetura, sua representação. A falta da clareza do que seria o espaço, contribuiu para a constituição do espaço-lixo, sendo ele mesmo um híbrido contemporâneo. Qualquer coisa, qualquer atividade pode ser adicionada e incorporada a seu contexto. Uma compilação de iconografias de "ordem fingida e simulada, um reino de transformação morfológica". E, portanto, sem identidade, sem memória, sem referências, tal qual a cidade genérica, uma hiper-realidade.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. 1999. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Editora Paz e Terra: São Paulo. v. 1

HARVEY, David. 1992. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Edições Loyola: São Paulo.

KOOLHAAS, Rem. 1978. *Delirious New York*. Monacelli Press: Nova York:.

_____. Bigness or the problem of the large. In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. 1995. *S, M, L, XL*. Nova York: Monacelli Press.

_____. The generic city. In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. 1995. *S, M, L, XL*. Nova York: Monacelli Press.

_____. The global city: introducing a concept and its history.

In: KOOLHAAS, Rem [et. al.]. 2001. *Mutations*. Actar: Barcelona. p. 104-115.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. 1995. *S, M, L, XL*. Nova York: Monacelli Press.

MUÑOZ, Francesc. 2008. *Urbanización: paisajes comunes, lugares globales*. Barcelona: Gustavo Gili.

SASSEN, Saskia. 1998. *As cidades na economia mundial*. Studio Nobel: São Paulo.

Notas

1. Essas pesquisas estão apresentadas nas seguintes publicações: *Project on the city: great leap forward (2001a)*; *Project on the city 2: the Harvard design school Guide to Shopping. (2001)* e *Mutations (2001c)*.

2. Tradução nossa.